

Em ano eleitoral, é muito comum que as pessoas estejam conversando sobre política a todo o momento. Seja nos debates sobre corrupção, no estudo sobre as leis do país ou em explicações sobre o desmatamento da Amazônia, a política está presente nas ideias, atitudes e experiências cotidianas. Com notícias pipocando nos jornais e os ânimos exaltados nas conversas entre familiares e amigos, não há dúvidas de que as crianças também querem saber o que está acontecendo e participar com suas opiniões.

“Política é a varinha mágica que transforma o mundo naquilo que sonhamos”

Essa é a definição de política escolhida pelo hacker e ativista por transparência Pedro Markun, uma forma de mostrar às filhas Teresa e Maria que política não precisa ser algo ruim. “Se ninguém sentar e explicar isso às crianças, elas irão receber influência de outros lugares e reproduzir discursos que colocam a política num espaço negativo, com conotação pejorativa”, afirma.

7 dicas para falar sobre política com as crianças

Em entrevista ao Lunetas, Pedro Markun, um dos autores do livro infantil “Quem manda aqui”, sugere como falar sobre política com as crianças em casa. Confira:

1. Evite tentar explicar termos complexos, como “liberdade” ou “democracia”. Prefira exemplos práticos.
2. Simplifique as explicações, mas não subestime. Confie no potencial das crianças.
3. Quanto menos adjetivos a explicação tiver, mais concreto será para a criança.
4. Fale de valores, fale de corrupção, mas sem matar a capacidade crítica da criança.
5. Discutir política não é só falar de impeachment, vereador e de Prefeitura. Fale sobre as relações políticas na escola, em casa e nos espaços de convívio da criança.
6. Desmistifique a ideia de que política é chato ou sujo.
7. Fortaleça a ideia de que política é transformação.

Coletividade que ensina

Para Aline Alves Soares dos Santos, conviver entre pessoas que defendem direitos sociais pode estimular nas crianças um pensamento crítico e autônomo. “Os espaços que a criança frequenta ajudam em seu desenvolvimento, porque mesmo que ela esteja apenas brincando, ela está observando e sentindo as coisas que estão acontecendo ao seu redor”, relata. Ou seja, não adianta apenas defender uma causa, é preciso colocar a criança em contato direto com esse ideal e expressá-lo nas próprias atitudes. Em sua comunidade, esse tem sido o caminho para educar as crianças para o respeito, longe de discursos de ódio.

Nas escolas

Se engana quem acredita que a política se resume a sua face partidária. Ela está por trás da gestão das instituições, da grade curricular e da própria escolha dos livros usados em sala de aula. Por isso, o professor de sociologia da rede pública de São Paulo, Raphael Gimenes, defende que os problemas vividos pelos estudantes são oportunidades de falar sobre política. “Podemos conversar sobre

desigualdade social, entendendo porque nossa comunidade é pobre enquanto existem espaços ricos e mais acessíveis na cidade”, diz. Dessa forma, as crianças podem entender que a política, em seu sentido mais amplo e participativo, está costurada em cada ação, seja em como os impostos saem da família e retornam para as escolas públicas ou na origem dos alimentos da merenda escolar, por exemplo.

Uma das estratégias do professor tem sido ajudar na formação dos grêmios estudantis, um espaço que também ensina sobre processos eleitorais em disputa: é preciso ter um projeto, fazer campanha, organizar as urnas e eleger um grupo de representantes. “Os questionamentos que aparecem na formação dos grêmios são oportunidades de fazer um paralelo com o contexto mais amplo das eleições no Brasil”, explica Raphael. Em 2017, o professor orientou o projeto “Visão do rap”, no Etec Jaraguá, em São Paulo, premiado pelo programa Criativos da Escola, do Instituto Alana. Seu engajamento profissional também o levou ao Missão Pedagógica no Parlamento, em 2019, iniciativa da Câmara dos Deputados para a capacitação em educação para a democracia.

Em sala de aula, outras oportunidades surgem, a partir da leitura: falar de política com as crianças também significa trazer um olhar contemporâneo e antirracista para obras da literatura, em vez de optar pelo silêncio. “Toda explicação traz uma série de elementos sobre nossa posição no mundo”, defende o professor. Apesar disso, ele reforça que as crianças estão sempre expostas às informações que recebem das famílias, comunidades religiosas, ruas, televisão e internet, sendo a escola apenas mais um dos espaços formadores de opinião.

Construir o novo

Conciliar a teoria e a prática, de acordo com Pedro Markun, é o ideal para que se desenvolva a educação política das crianças. “Trazer uma experiência real é dar concretude a um debate político ainda muito abstrato para elas. Não adianta só falar um monte de coisas sobre desigualdade, injustiça e outros assuntos sem dar caminhos concretos para tangibilizar aquilo que as palavras representam”, afirma.

Ao mesmo tempo, é possível pensar que todas as ideias estão em construção e questionamentos de crianças também podem ajudar os adultos a crescer e reformular conceitos. Para que elas cresçam com vontade de construir algo diferente daquilo que já estamos cansados, é necessário que todos os adultos envolvidos nos espaços de convivência das crianças estejam dispostos e empenhados no diálogo além da palavra. Não a partir de um ponto de vista específico, verdades prontas ou imposições, mas fornecendo elementos para que elas possam chegar às suas próprias conclusões.

Afinal, quem melhor do que as crianças para idealizar o novo e surgir com possibilidades de mundos? Estando abertos para o que elas têm a dizer, também poderemos, quem sabe, sonhar com uma transformação que tenha o mesmo tamanho da imaginação das crianças.

²Fragments selecionados do texto de Camila Hoshino para o portal Lunetas, parceiro do Instituto Alana. A versão integral do texto está disponível em <https://lunetas.com.br/falar-sobre-politica-com-as-criancas/>. Acessado em 24/set/2022.

DDHH

Direitos Humanos na sala de aula

apresentação

“A democratização das nossas sociedades se constrói a partir da democratização das informações, do conhecimento, das mídias, da formulação e debate dos caminhos e dos processos de mudança”.

Betinho

Saudações a todas/os!

Neste exemplar do Boletim DDHH na sala de aula, reafirmamos que PARTICIPAÇÃO E CIDADANIA também se aprendem na escola. As relações que construímos, assim como os espaços coletivos que ocupamos ao longo da vida têm um papel fundamental na vivência de experiências e práticas cidadãs.

Associados à proposição de Betinho, sociólogo e ativista dos Direitos Humanos, acreditamos que a democratização das informações, da mídia e do conhecimento são importantes caminhos a percorrer na direção da transformação social. Assim, o cotidiano escolar torna-se, portanto, catalizador de saberes e fazeres que podem colaborar na formação de estudantes atentos, sensíveis, críticos e engajados.

A temática da participação social perpassa todas as relações construídas na escola. É sobre respeitar o outro e cultivar o respeito mútuo. É compreender responsabilidades e direitos. Viver em democracia é algo que deve ser aprendido e reaprendido todos os dias! Trata-se de assumirmos a responsabilidade teórica e prática de **“Construir juntos, democratizar a vida, educação digna!”**.

Aliás, que lugar mais potente que a escola para discutir as cidades, entender fenômenos sociais e expor opiniões?

Assim, fomentar princípios políticos, solidários, sociais e comunitários desde a infância, adolescência e juventudes tende a contribuir para que eles cresçam praticando hábitos de cidadania planetária e aprendem a respeitar os outros e, principalmente, a si mesmos.

Que possamos caminhar juntas/os!

Forte abraço!

A Equipe

Novamerica na rede!

Aconteceu! No dia 03 de agosto, o tema da nossa Roda de Conversa foi “Periferias”. Com a palavra e as experiências, nossos/as convidados/as foram a Professora Rosaura Cisneros (Universidad Pedagógica Nacional/México), o Professor Jung Mo Sung (Universidade Metodista de São Paulo) e a professora Lívia de Souza Vidal (DEGASE). Como mediadora, Maria da Consolação Lucinda (Novamerica).

Com a presença dos professores João Colares (UEPA), Vera Candau (PUC-Rio) e Inês Barbosa (UNESA), a Novamerica proporcionou uma conversa sobre “Democratizar a vida, educação digna e interculturalidade”. A mediação foi realizada por Erica Nascimento (Educatrice Novamerica).

O Seminário Nacional 2022 do Movimento Socioeducativo Educar em Tempos Difíceis aconteceu nos dias 23 e 24 de agosto. Com as presenças de Ana Maria Magaldi (UERJ), Maria Teresa Esteban (UFF), Alexandra Lima (UERJ), Jane Rose (SEEDUC/RJ), Daniela F. Kropf (Colégio Teresiano - Rio de Janeiro) e Roseane Daminelli (UNICAMP). As mesas redondas com os temas da “Educação Digna para todos/as: Que caminhos? Que possibilidades?”, e “Educação Digna para todos/as: experiências” foram mediadas por Guilherme Arduini e Kátia Medeiros e trouxeram grandes contribuições!

Estas atividades estão disponíveis no canal da Novamerica no YouTube:

<https://www.youtube.com/c/novamerica1991>

Vai acontecer! A nossa próxima roda de conversas será no dia 18 de outubro. Você é nossa/o convidada/o especial para conversarmos sobre “Periferias, Desigualdades, Exclusões, Cidadania”. Fique atento e ative o sininho das nossas redes sociais! No Instagram da Novamerica divulgaremos as/os convidadas/os e o link!



@ong.novamerica



@ong_novamerica



<https://www.youtube.com/c/novamerica1991>

Datas Significativas

Agosto

- 05 Dia Nacional da Saúde
- 06 Dia Nacional dos Profissionais da Educação
- 07 Dia Estadual da Lei Maria da Penha
- 09 Dia Internacional dos Povos Indígenas
- 12 Dia Internacional da Juventude
- 18 Dia Mundial da Libertação Humana
- 21 Dia Internacional de Lembrança e Tributo às Vítimas do Terrorismo
- 21 Dia do Início da Semana Nacional da Criança Excepcional
- 23 Dia Internacional em Memória do Tráfico de Escravos e a sua Abolição
- 24 Dia da Infância
- 26 Dia Internacional da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão/Dia Internacional da Igualdade da Mulher

Setembro

- 07 Dia da Independência da República
- 08 Dia Internacional da Alfabetização
- 16 Dia Internacional para a Preservação da Camada de Ozônio
- 21 Dia Internacional da Paz
- 22 Dia da Juventude do Brasil
- 28 Dia Internacional do Acesso Universal à Informação

NOVAMERICA

Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA

Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280-030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2295 8033

E-mail: escola@novamerica.org.br
<http://www.novamerica.org.br>



Direitos Humanos
na sala de aula

Editora: Susana Sacavino
Texto Final: Erica Nascimento
Supervisão Editorial: Adelia Maria Koff
Composição Gráfica: Companhia Visual Manteca
Equipe Responsável: Maria Consolação Lucinda
Sílvia Maria F. Pedreira
Vera Maria Candau

Construir Juntos,
Democratizar a Vida,
Educação Digna!





A sala de aula em movimento

Cara educadora, caro educador, o material aqui apresentado busca promover interações que sensibilizem para o nosso lema "Construir Juntos, Democratizar a Vida, Educação Digna!"

Nesta edição do Boletim DDHH na sala de aula, compartilhamos propostas que têm especial atenção à formação de cidadãos capazes de se relacionar com as mídias e com a informação sem ingenuidade. Desejamos despertar nas crianças, adolescentes e jovens sensibilidade para a participação e responsabilidade com a realidade política e social de nosso país. Todas e todos temos saberes e fazeres a contribuir na reconstrução da nossa sociedade.

Esperamos que o material aqui apresentado seja integrado à sua prática pedagógica! Sinta-se à vontade para fazer adequações, conforme às características e demandas da sua sala de aula.

Seguimos!

Ensino Fundamental Anos iniciais (1º, 2º, 3º)

Já olhou pra sua comunidade hoje?

- ➔ Organize as crianças em círculo e socialize com elas a leitura adaptada de "Da minha janela"¹, de Otávio Júnior, o autor, que é conhecido como Livreiro do Alemão, comunidade do Rio de Janeiro.
- ➔ O livro apresenta a narrativa de uma criança que descreve o que vê, através de sua janela. Dela ele vê cores, traços, gestos, objetos e bichos, cujas vidas podem ser parecidas ou diferentes da do leitor, mas, com certeza, têm algo a ensinar. Além de sonhos e encantamentos, o livro retrata a periferia do Rio de Janeiro em sua realidade diversa e adversa.

DA MINHA JANELA

Da minha janela vejo o céu estrelado e um castelo iluminado. [...] É gente para todo lado.

Quando está muito calor, algumas pessoas trazem o mar para suas casas e o dia fica mais fresco. [...]

Da minha janela converso com meus amigos - conversa que vira brincadeira.

A nossa brincadeira preferida é microfone sem fio, que vira funk, que vira rima e se transforma em poesia. [...]

Da minha janela vejo o nascer do Sol.

Vejo gente para todo lado.

Gente remendando o telhado, que estava quebrado por causa da chuva.

Gente indo em busca do seu sonho.

Gente com livros nas mãos, a caminho da escola.

Da minha janela...

... Vejo minha favela.

E você, o que vê da sua janela?

Uma casa amarela lá do alto da favela?

Crianças brincando nos becos e nas vielas?

E se sua janela fosse mágica e você tivesse o poder de criar coisas novas?

O que gostaria de ver através dela?

Adaptado de JÚNIOR, Otávio. Da minha janela. São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2019.

- ➔ Após a leitura ou exibição da história, motive as crianças a retratarem suas percepções desde suas janelas. Dialogue com as crianças sobre o que elas veem, como se sentem.
- ➔ Em seguida, convide as crianças a repercutirem os aspectos positivos do que veem desde sua janela e no entorno de suas casas. Ajude-as a refletir sobre possíveis aspectos negativos. Uma janela pode mostrar muitas coisas, não é mesmo? O que será que as crianças gostariam que fosse de outra forma?
- ➔ Converse com as crianças sobre as características presentes nos ambientes retratados por elas. O local em que nascemos e crescemos é um importante componente social em nossa formação. Desde regras e costumes, até amigas/os e memórias.
- ➔ Esta dimensão de comunidade é muito importante para a construção de pertencimento e participação.
- ➔ Para finalizar, instigue as crianças a pesquisarem sobre a biografia do autor.

¹ Caso tenha interesse, sugerimos a exibição da história completa, disponível no Canal Fábricas da Cultura, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=aYTYsrQSSwM>

Enriquecendo a ficção:

Filmes/documentários:

- ➔ **AMNESTIA.** Dirigido por Susanna Lira e narrado por Paulo Abrão, ex-Secretário Nacional de Justiça, o documentário é uma remontagem sensível dos pedidos de desculpas emitidos pelas Caravanas da Anistia a todos que tiveram suas vidas afetadas pela ditadura civil-militar no Brasil.
- ➔ **O SOM DO RIO. Web série** reúne ativistas indígenas e artistas ambientalistas em jornada de lutas, conexões e afirmação de identidades na biodiversidade do Rio Tapajós.

Materiais Impressos:

- ➔ **A melhor mãe do mundo**, de Nina Rizzi (autora) e Veridiana Scarpelli (ilustradora) (Companhia das Letrinhas), 2022.
- ➔ **O futuro começa agora: Da pandemia à utopia.** Boaventura de Sousa Santos. Editora Boitempo, 2021.

Dicas na internet:

- ➔ Música: "As Caravanas", de Chico Buarque. https://www.youtube.com/watch?v=6TjnjGQqAc&ab_channel=BiscoitoFino
- ➔ Música: "Rua da Passagem - Trânsito", de Ney Matogrosso. https://www.youtube.com/watch?v=EtGkbAPITX4&ab_channel=NeyMatogrosso

Publicações online:

- ➔ **Imprensa Jovem: educação midiática e cultura digital como via para o fortalecimento da cidadania entre os jovens**, Egle Müller Spinelli (USP e ESPM), Isabela Afonso Portas (ESPM). Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/41704436/2664>
- ➔ **Escola da infância, Cidade e democracia: Em busca do exercício da cidadania infantil**, Fabiana Oliveira Canavieira (UFMA) e Olívia Pires Coelho (UNICAMP). Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6885/4797>

Jemos Direito!

A democracia é uma importante conquista na história do nosso país. Em 1988, por meio da Constituição Federal, o Brasil reassume o Estado Democrático de Direito como forma de governo. Recentemente, a Constituição e a Democracia brasileira têm sofrido fortes ameaças. Enquanto sociedade precisamos reafirmar a importância da liberdade de pensamento e dos valores da convivência humana. A educação para a cidadania é um importante passo nesta direção.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I - a soberania;
- II - a cidadania;
- III - a dignidade da pessoa humana;
- IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- V - o pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/sp-ato-pela-democracia-reune-intelectuais-empresarios-e-politicos>

Ensino Fundamental Anos iniciais (4º, 5º e 6º)

Fato ou fake?

- ➔ Esta proposta está alinhada à importância da alfabetização midiática. A difusão de notícias falsas nos meios digitais tem se apresentado como um dos maiores problemas da história recente. Nosso objetivo é sensibilizar e orientar os estudantes a reconhecerem a legitimidade das informações que recebem e acessam na dinâmica de suas rotinas.
- ➔ Dentre as questões a serem problematizadas nesta atividade, destacamos a importância de refletir junto aos estudantes para além do conteúdo das notícias, afinal qual a motivação de serem criadas?
- ➔ Este debate pode ser iniciado com perguntas abertas que motivem a expressão dos/das estudantes.
 - ✗ Você sabe o que são fake news?
 - ✗ Você costuma compartilhar conteúdos recebidos sem checar antes?
 - ✗ Você já compartilhou alguma notícia e depois descobriu que era fake?
 - ✗ O que você fez?
 - ✗ Você sabe identificar uma fake news?
- ➔ A partir dos conhecimentos prévios trazidos pelos estudantes referentes às fake news, aborde a temática da manipulação midiática. Explique que existem alguns critérios importantes utilizados por diferentes agências de checagem e que podem ser nossos aliados ao recebermos informações. Comente que há ferramentas e técnicas que podem ser usadas em conjunto para checar se as informações que recebemos são confiáveis.
 - ✗ Olhar para a mensagem como um todo: data, local, o(a) autor(a), imagens e elementos gráficos da informação. Existe algum dado faltando?
 - ✗ Buscar em outros lugares: Onde mais essa informação pode ser encontrada? Comparar e contextualizar: De acordo com mais fontes, qual é a história completa da informação?
 - ✗ Acessar plataformas como "Aos Fatos" <https://www.aosfatos.org/> e "Comprova" <https://projeto comprova.com.br/>;
- ➔ Após socializar estas informações, solicite que cada estudante compartilhe sobre o que aprendeu com a atividade e o que fará daqui para frente quando se deparar com o que considera uma desinformação.

Ensino Fundamental Anos finais (7º 8º e 9º)

Direito à felicidade é cidadania

- ➔ A música é uma importante expressão cultural. Ela possui elementos e significados que possibilitam análises e reflexões muito potentes.
- ➔ Nesta proposta de atividade busca-se compreender os movimentos de luta da sociedade civil pela garantia dos direitos sociais, sobretudo, para as populações marginalizadas. Espera-se que os estudantes entendam o funk como manifestação cultural, associada ao lazer e à expressão de contestação política. Além disso, busca-se que eles discutam e analisem as causas da violência contra as populações marginalizadas com vistas à tomada de consciência cidadã e à construção de uma cultura de paz.
- ➔ Para esta atividade faça a exibição do vídeo "Cidinho & Doca - Rap da Felicidade", disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7pD8k2zaLqk&ab_channel=Cidinho%26Doca.
- ➔ A discussão poderá ser iniciada com um levantamento do conhecimento prévio da turma sobre o funk e a dupla Cidinho e Doca. Uma breve contextualização que aborde a origem desse gênero musical, sua chegada ao Brasil, perfil das batidas, a figura dos Mc's e a história do Mc Cidinho e Doca. Em seguida, faça uma breve exposição sobre o contexto histórico do Brasil no início da década de 1990 (processo de redemocratização, mobilização dos diferentes setores da sociedade civil para construção e efetivação da Constituição Federal, eleição e impeachment de Collor), época de lançamento da música.
- ➔ Divida os estudantes em pequenos grupos e estimule que eles reflitam sobre as sensações produzidas, a partir da música e discutam a respeito de temas abordados pela música, como a reivindicação pelo direito à identidade e ao uso do espaço urbano e moradia, as relações entre as favelas, o Estado e os direitos sociais, as denúncias de violências cotidianas e a defesa da auto-organização das comunidades.
- ➔ Após 15 minutos para conversa entre os grupos, os 20 minutos seguintes serão utilizados para socialização das discussões com os demais grupos.
- ➔ Finalizando esta atividade, solicite aos estudantes que realizem uma produção (música, poesia, slam, texto dissertativo, vídeo, etc.), sobre o seguinte tema: "Entre violações e luta pela efetivação dos direitos sociais: a atuação das comunidades marginalizadas".

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2021-03/prefeitura-tera-que-desocupar-predios-irregulares-em-comunidade-do-rio/>